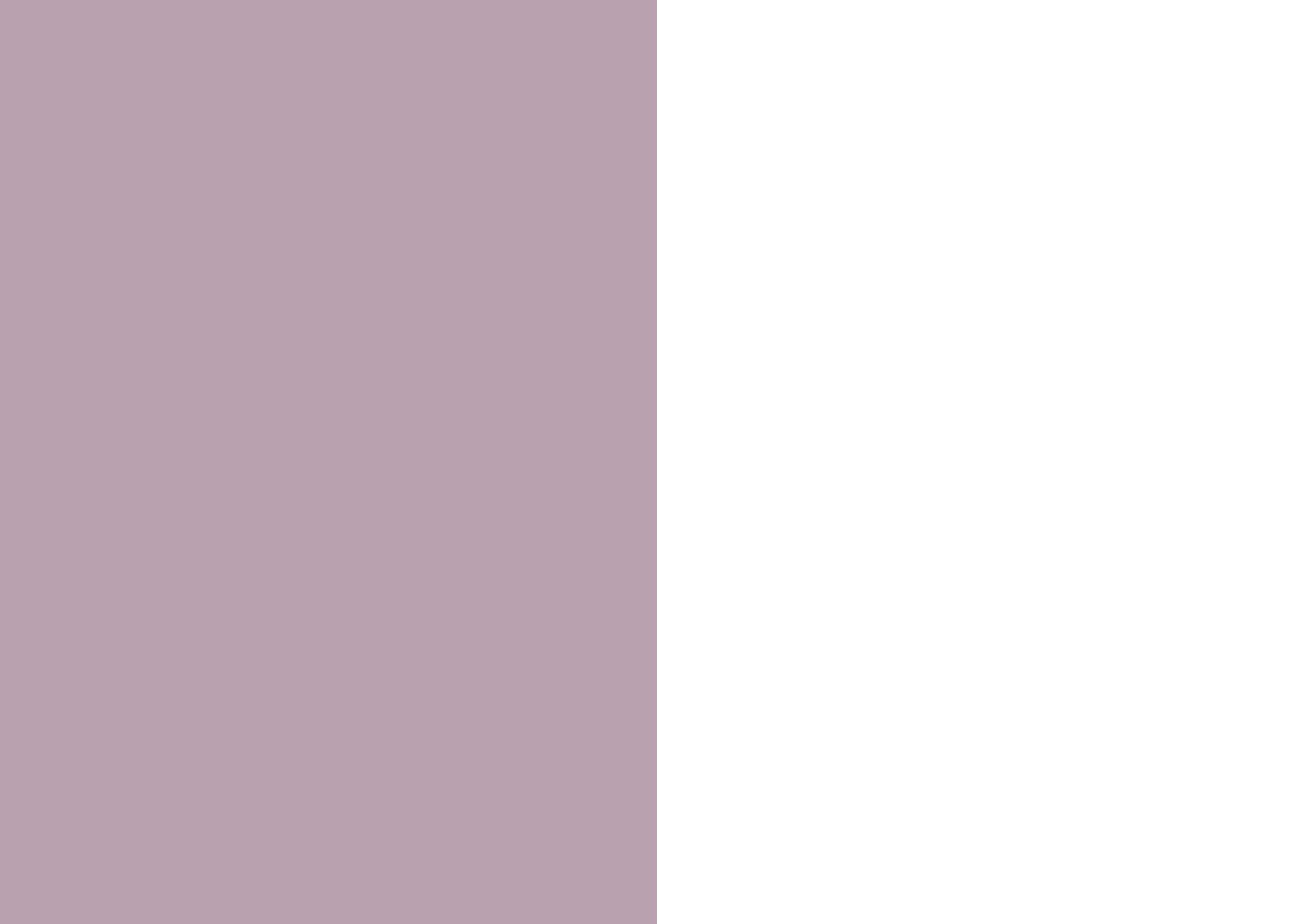


**coleção
poesia
viva**

**TEMPO
INSTÁVEL
NA TARDE
DOS ANJOS
DESOLADOS**

ADEMIR ASSUNÇÃO



**TEMPO
INSTÁVEL
NA TARDE
DOS ANJOS
DESOLADOS**

ADEMIR ASSUNÇÃO

São Paulo, 2011

**SIM &
SIM.**

Lua crescente no outono da noite londrina: sim

No bar do italiano bigodudo: sim

Vinho tinto a taça a chuva seu rosto não

há

ninguém ali

aqui

silêncio

imenso de vozes

aqui

sou só

um

enfim

(estrangeiro

SETE BARES

ando fraco-fraco
um caco, um trapo
mudo, não mudo
peixe miúdo
nem calma nem susto
os sapatos
dentro do criado-mudo

ando triste-triste
rato entre as patas do gato
orelhas em riste
pane
insulto
estrela na borda do buraco
negro, sem watt, um vulto

ando meio penélope
sem charme
mancha de óleo na pele
ostra que perdeu a pérola
navio que perdeu a rota
solto em sete mares
procuro em volta:
só bares

ESCRITO A SANGUE

ruas escuras
atravessado
eu atravesso
reviro o avesso
nele me meço
olho de lince
encaro a face da fera
espelhos se estilhaçam
rasgam minha cara
cai a neblina do vazio
frio na barriga
pago o preço
erva bola cogumelo
volto ao começo
escapo com vida
desconverso
verso escrito a sangue
desapareço
quanto mais
menos
me pareço
eco de bicho homem
ego sem endereço

OS LEÕES ESTÃO BRINCANDO NO JARDIM

Dentes gelados, unhas à mostra
o leão arranha levemente
a pele de puro gesso: estátua branca
Peônias farfalham mudas
ante a imaginação selvagem e furiosa
vento vento vento
na tarde de abismos, constelações
de leões, centauros prontos para o bote,
o amor perigoso, atado ao tudo
ou nada: um par de olhos diante
de sua máscara de oxigênio

SATORI

Sentado, distraído, na pedra
ao lado da cachoeira
– eu sou um buda
de cabelos nublados
e dedos de borracha.
A água fria
franze a pele das costas.
A samambaia sorri
com suas folhas
crispadas pelo vento.
Nada fora de lugar.
Nenhum caos mental.
Pelado, pelos eriçados
– secando ao sol
sou apenas
mais uma
espécie de vida
entre muitas –
viajando pelo tempo
– que nunca existiu

PELE CONTRA PELE

então a brisa nos brinda
com sua auréola de nadas

& a vida se resume
ao agora:

– veja, meu amor
palavras no vapor do ar

– a vidraça se embaça

vento frio no rosto, olha
é inverno
(nenhuma flor no orvalho)

pele contra pele:
nosso melhor agasalho

CAVALA

lá, onde os dedos são grossos galhos
percutindo o couro dos animais
& as palavras dissolvem-se no ar
antes
de vestirem a couraça dos significados

lá, onde sóis azuis
luzem a noite inteira

lábios sorvem o suor
sede de saliva – a espada
rompe o espelho

o sangue ferve, febre
vapor quente nas narinas

– possuída, ela convoca éguas
luas & golfinhos

cascos tinem
um estranho batuque

ranhuras na pele – unhas
de lontra
cravadas nas costas

rainha dos raios
a xota risca fogo
nas savanas

.....

assim é
o amor da cavala
riscos
rasuras
talhos de gilete

tratados com pétalas
de lírios selvagens

OLHOS NEGROS NO ESPELHO

aqui o espelho
se embaça, negra
noite, rumor
de vidro, brilho
falso
:
& no gás paralisante
do silêncio – entre mim
e o próximo
instante – algo se diz
farsa, alga
sob a água, se finge
estrela, onda
(olhar que não
se cumpre) onde
lume o laser
da íris, meu amor
infravermelho
sucumbe
ante o esforço
do corpo
desmaiado, antes
que a lágrima
desfaça
o último suspiro de um deus

NA COMPANHIA DOS CÃES SEM DONO

trilhas de folhas verdes
 tantas vezes pisadas
 e sempre frescas
parece cinema mas é só a vida
 um rápido gesto e tudo se modifica
sílabas bêbadas voam pela casa
 batem nas paredes
 libélulas de fino vidro
 miragem de sentidos
as luzes do aparelho japonês
 sinalizando vertigens
beats selvagens de um baterista kamaiurá
 chimbaus, bumbos, timbales
 no eco dos tímpanos
sob uma cortina de fumaça azulada
 os pulmões chiando
 chaleira cheia ao fogo
 transbordando
 águas de noites malucas
quantas pontas passadas
 e vozes vindas do escuro
alguém explicando como pisar em ovos
 sem quebrá-los
 chistes, chispas, satoris –
 de qualquer ponto começa-se
 um improviso
de qualquer lugar para outro & outro & outro
 até que não se saiba mais
como voltar para casa

TERAPIA DE VIDAS FUTURAS

quando a vida zerar, quando tudo
terminar, quando a nave
estiver pronta, quando o ponto for ponto
final e, entretanto, o bilhete
de passagem não tiver
destino, rumo, nem direção – quantos
amores, quantos odores, as peles,
as mulheres, os homens, os cães
– e nesse momento fugaz, os senões
serão somente nadas, sermões,
ilusões, frases que se perderam
na fumaça dos cigarros, as fissuras,
as firulas, as ranhuras, guerras travadas
na penumbra das nuvens não vistas,
e no fim do corredor, aquele ponto, um
porto tão inseguro, onde navios
bêbados atracam, seduzidos
pelos silvos das sereias, sob
o obelisco silente das estrelas, tão
belas músicas das esferas

TALVEZ A LOUCURA MANDE UM CARTÃO POSTAL

perfeitos estranhos
pássaro com asas incendiadas

sim, chegamos à beira do penhasco
cego sem asa-delta

salto no riacho de uísque e cubos de gelo

leões famintos no zoológico urbano
mordem as próprias orelhas

não, ninguém responde à campanha
fantasma com guizos

apago todos os arquivos do cérebro

jatos explodem nas janelas dos edifícios
kiwis embolorados na porta da geladeira

talvez uma estrela caia dentro do copo
talvez a Loucura mande um cartão postal

bombons e duas garrafas de licor de damasco

SIGNOS EM CONVULSÃO

flores
precisam de água

coelhos
gostam de folhas de couve-flor

humanas
confusões de signos

explosão de gaseduto no Cairo
centenas de feridos em atentado no metrô de Londres

o público alvo do Jô onze e meia
América – terra de bravos

as abelhas que pousam nas uvas
não são clones de abelhas

um bilhete no e-mail do superpateta
poeta das perdas ilusões

ilusionista, domador de leões
amante do bom vinho

e das mulheres que uivam na lua cheia
ronrons de fêmeas, gemidos

alquimia de salivas, miados
cheiros, imagens

sem replay

o rio que passa na minha cidade
está poluído

em quais camas as grandes cópulas douradas?

um boeing me coloca diante das ondas do mar
marolas, maresias

frutos de flores marítimas
deuses do ar, deusa da água

o fogo arde a raiz das árvores
línguas de lesmas, húmus

nada que não finja
beleza que não finda

mesmos crisântemos
florescendo
na lâmina da espada

um facho de lua
sobre as pétalas
do jardim

SESSÃO DA TARDE

lâminas de gelo
flutuam
no azul] mugido
inaudível
de um mito, mijo
de Minos (um breve
descanso
e o olho vê; sem
susto
:
um búfalo
branco
lacera a jugular
do cavalo
marinho –
não, não búfalo:
demônio – não
demônio: urso polar
– não e sim: todos,
búfalo, demônio,
urso polar,
cavalo marinho,
existem
e não existem
neste fugaz espetáculo
de nuvens, sucessão
de metamorfoses
no céu claro
desta terça-feira
(21.09.99)
perdida num átimo
de milênios

DESCIDA AOS INFERNINHOS

I

eureka – grita o poeta
achei meu estilo, traço rude de fino tino,
quer dizer, daqui detrás dos montes
vai ser ferro na perereca
cuspe seco, pedra cabralina
sinalização de pista de aeroporto
fox-xote caboclo muito louco
paulista neurótico de férias em Amaralina
& que se ferrem as fadas
sóis de gelo de falas delicadas
não, vai ser na porrada
verso cortado a facada
bucha de bode, rixa de galo
poesia que bebe a pinga no gargalo
poeta maldito será o benedito
príncipe nefasto das noites de blackout
& assim sendo segue a ladainha
bandeira a meio pau o poeta arreganha a bainha
e sapeca mais uma, assim, digamos
descabela o mico,
enquanto sonha que enraba as ninfas
& bebe o vinho na boca das musas

II

cansado da palavra polida
hímeme rompido da beleza clássica
o poeta talha o verso com pedra lascada
primata astuto, ladrão convicto
despedaça pétalas, arrebenta rimas
imola virgens, deflora rosas
segue viagem com um guia cego
desce aos infernos, aos inferninhos
gilete nos dentes, entre travacas e putas
disputa a tapa a taça de cicuta
lambuza os lábios, descobre aos trancos
o mesmo gosto do nobre vinho das festas finas

III

quisera o paraíso, sim, quisera
mas só anjas trapaceiras encontrara
uma tocava harpa, outra cravava os dentes
sacanas amantes dos banqueiros
peles ardentes de sóis tatuados
sóis negros, céus delirantes
sugando esperma em troca de dinheiro
vulgares em suas rimas ricas
musas de luxo na corte das artes
carne à la carte, poesia em postas
máscara bem moldada ao talhe da face
técnicas, sem dúvida
mas sem as dádivas e com eternas dívidas

O FIM DA HISTÓRIA EM GOTHAM CITY

gatos pardos gatos negros
gatos loucos e bêbados

atacam o bando de João
Bafo de Onça: urros uivos gritos

e jatos de sangue
na Noite das Estrelas Dopadas

gatas-polaroides cheiram flocos de nuvens
nos banheiros nas lixeiras

de Japatown: batuque de giletes
em tampas de ferro enferrujado

miados miasmas palavras que se derretem
na bruma dos cigarros

caos e crime cheiro de sexo e ruína
nos becos nos moquifos nos cortiços

entre o fog e a fumaça das pastelarias chinesas

bichas assassinas afiam navalhas
e treinam golpes mortais de tae-kwon-dô

trens abarrotados de linguistas e filólogos
chocam-se contra o muro de vidro do real

o céu-holograma desaba em pedaços
sobre as cabeças dos passantes

enquanto Coringa injeta no braço esquálido
a última gota da ampola

e Batman se retorce como uma cobra
picotada pelas garras das Iguanas de Hong Kong

Os poemas "Sim & Sim", "Sete bares", "Escrito a sangue", "Os leões estão brincando no jardim" e "Satori" foram publicados no livro *Lsd Nô* (1994). "Pele contra pele", "Cavala", "Olhos negros no espelho", "Na companhia dos cães sem dono", "Terapia de vidas futuras", "Talvez a loucura mande um cartão postal", "Signos em convulsão", "Sessão da tarde" e "Descida aos inferninhos" no livro *Zona Branca* (2001). "O fim da história em Gotham City" no livro *A Musa Chapada* (2008).

SOBRE O AUTOR

Ademir Assunção é poeta. Publicou cinco livros de poesia e ficção e gravou um CD. Tem outros cinco livros inéditos. Participou, até o momento, de treze antologias: Brasil, EUA, Argentina e Peru. Tem parcerias gravadas por Itamar Assumpção, Edvaldo Santana, Madan, Ney Matogrosso, Maricene Costa, Patrícia Amaral, Titane, Mona Gadelha e banda Nhocuné Soul. É um dos editores da revista literária *Coyote*.

Prefeitura de São Paulo Gilberto Kassab
Secretaria de Cultura Carlos Augusto Calil

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Divisão de Curadoria e Programação Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Isis Baldini e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Durval Lara e equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

Tempo instável na tarde dos anjos desolados | Coleção Poesia Viva
Autor Ademir Assunção **Coordenação Editorial** Claudio Daniel (Curador de Literatura do CCSP) **Conselho Editorial** Heloísa Buarque de Hollanda, Leda Tenório da Mota, Maria Esther Maciel, Antônio Vicente Seraphim Pietroforte e Luiz Costa Lima **Projeto Gráfico CCSP** Adriane Bertini
Impressão Gráfica do CCSP

COLEÇÃO POESIA VIVA

periodicidade: mensal ou bimestral
distribuição: gratuita, no CCSP e nas bibliotecas municipais
tiragem: 500 exemplares
São Paulo, 2011
isbn: 978-85-86196-37-9

